

FR. DARLEI ZANON, SSP



SIMPLESMENTE  
*José*  
ROMANCE BASEADO NA VIDA  
DO PAI ADOTIVO DE JESUS





## *Sumário*

1	<b>Recordar</b> .....	7
2	<b>Iniciar</b> .....	15
3	<b>Crescer</b> .....	29
4	<b>Mudar</b> .....	39
5	<b>Recomeçar</b> .....	55
6	<b>Agregar</b> .....	65
7	<b>Amar</b> .....	77
8	<b>Consagrar</b> .....	91
9	<b>Escutar</b> .....	107
10	<b>Decidir</b> .....	119
11	<b>Unir</b> .....	137
12	<b>Subir</b> .....	149
13	<b>Encarnar</b> .....	167
14	<b>Acolher</b> .....	179
15	<b>Reconhecer</b> .....	191
16	<b>Resgatar</b> .....	207
17	<b>Fugir</b> .....	221
18	<b>Peregrinar</b> .....	233
19	<b>Descobrir</b> .....	247
20	<b>Falar</b> .....	259
21	<b>Gerar</b> .....	273
22	<b>Sonhar</b> .....	285
23	<b>Reencontrar</b> .....	299
24	<b>Viver</b> .....	315
25	<b>Aprender</b> .....	329
26	<b>Louvar</b> .....	347
27	<b>Revelar</b> .....	359
28	<b>Concluir</b> .....	375
	<b>Glossário</b> .....	383
	<b>Mapas</b> .....	389



# 1

## Recordar



Com o seu olhar fixo no meu, Jesus disse: «Porque me procuravam? Não sabiam que eu devo estar ocupado com as coisas do meu Pai?» Como tantas outras vezes, permaneci em silêncio. Silêncio profundo. Silêncio que me transportou para outro tempo e lugar.

Temí tanto por esse dia. Sempre soube que chegaria, que estava em algum lugar do futuro à minha espera. Não imaginava que seria naquele exato momento. Ou não queria que fosse. Chegou como uma lufada de vento, sem aviso, sem sinais, de improviso.

Não sabia se aquela frase de Jesus era epifania ou condenação. Um sentimento estranho brotou dentro de mim. Intenso, mas indolor. Misto de tristeza e alívio. Algo que jamais havia

sentido, muito diferente de qualquer coisa que já tinha provado até então. E olha que não foram poucas as experiências vividas naqueles últimos anos, desde que a visita de um anjo em sonho revolucionou as nossas vidas.

O silêncio daquele momento era diferente de qualquer outro. Era um silêncio cheio de palavras. Silêncio que gritava, e se agitava. Silêncio paralisante, mas cheio de consciência, pleno de história. Não tenho noção de quanto tempo permaneci ali, em silêncio, olhos nos olhos com Jesus. Parecia uma eternidade, tempo infinito como o mistério que aos poucos se revelava no menino a quem sempre chamei de filho e que até aquele exato momento sempre me chamou de pai.

Talvez por isso temi tanto por esse dia. O outro Pai sempre esteve presente na vida de Jesus, ou melhor, na nossa vida. Esteve ao nosso lado, guiando, protegendo, iluminando nas noites mais sombrias e nos acalmando nos dias de intempéries. Sempre soube que chegaria o dia em que seríamos colocados frente a frente, confrontados, questionados.

Algo dentro de mim desejava que esse dia fosse adiado o máximo possível. Para ser sincero, nunca compreendi o paradoxo que dividia minha mente e meu coração. Parte de mim sempre quis que todos soubessem a verdade que Maria e eu carregávamos como tesouro precioso, revelação profunda que se tornou peso enorme nas nossas costas. Por outro lado, essa cumplicidade gerou desde o início grande sinergia entre nós, partilhávamos um segredo sobrenatural e isso nos tornava especiais. Não éramos simples esposos vivendo uma história

de amor. Tínhamos algo muito maior que nos unia, fazíamos parte do mesmo projeto divino e partilhávamos o mesmo amor, verdadeiro amor. Amor que se revelou em forma de menino, que nos envolveu e uniu em todos os sentidos. Amor que foi sempre nossa âncora, nosso alicerce, nosso caminho. Nas piores dificuldades, diante dos maiores perigos e ameaças, nos momentos de total incerteza, esse amor apontava sempre a direção certa.

Talvez por isso Maria manteve o equilíbrio quando não encontramos Jesus na caravana, entre os amigos e familiares no retorno após a peregrinação anual a Jerusalém. Talvez por isso ela soube disfarçar a preocupação e angústia durante os três dias que reviramos a Cidade Santa à procura do nosso filho. Talvez por isso ela não tenha interpretado como eu aquele inquisidor «Não sabiam que eu devo estar ocupado com as coisas do meu Pai?».

Eu sabia que um dia Jesus começaria a se ocupar com as coisas do seu Pai, do outro Pai, mas esperava que esse dia demorasse a chegar. Ficámos muito contentes ao ver Jesus, mesmo sem entender o que ele estava fazendo ali entre os doutores. Cena inusitada, jamais vista em Jerusalém. Entrámos pela porta principal do templo, logo após ouvir pela estrada que um menino discursava entre os doutores, chamando a atenção pela sua profunda sabedoria e conhecimento dos mistérios divinos. Um menino que lia e comentava a Escritura com o mesmo esmero e precisão que qualquer mestre ou ancião. Só poderia ser Jesus. Nós o conhecíamos tão bem! Ouvir suas

meditações e explicações era algo quase cotidiano. Entretanto não imaginávamos que o nosso filho fosse discutir a Lei com os doutores e escribas. Pelo menos ainda não, em seus apenas doze anos de vida.

Interrogámos um sacerdote que vinha da direção do templo, para confirmar se o que acabávamos de ouvir fazia sentido. Era um jovem levita, que retornava do seu serviço diário.

– Passei todo o dia no templo, e não se fala de outra coisa a não ser desse menino sábio – confirmou.

E assim prosseguiu:

– Entre os sacerdotes as opiniões se dividem. Alguns dizem que é um impostor que decorou algumas frases para impressionar os tolos. Outros afirmam ser um jogo dos romanos para provocar os filhos de Levi que se mantêm fiéis às tradições e ao serviço do povo no templo. Alguns, porém, dizem se tratar de um profeta. Esse grupo se revezou ao longo do dia para ouvir e interrogar o menino de quem nem sequer sabem o nome. No entanto, ninguém se preocupou em saber de quem se trata, estão mais interessados naquilo que ele diz.

Afastámo-nos do jovem sacerdote antes mesmo de ele revelar a que grupo pertencia. Intuímos que fazia parte do último, pois descreveu o menino com tanta alegria e riqueza de detalhes que não tivemos dúvidas de se tratar de Jesus. Não estávamos longe do templo. O próprio sacerdote nos indicou o melhor caminho a seguir, um atalho entre as construções da velha Jerusalém que nos levaria diretamente ao pórtico real, no lado sul. Uma via estreita, algumas curvas e logo embatemos com o templo, enorme,

imponente, ainda mais belo do que parecia nos dias anteriores, quando por ali muita gente circulava e oferecia sacrifícios.

Era comum ter mestres ensinando no templo, e como Jesus tinha já a idade dos «filhos do mandamento» era natural que o deixassem participar nas aulas abertas. O que não era nada habitual, porém, é um adolescente tomar o protagonismo, ensinando e não apenas ouvindo. Fazendo perguntas profundas que colocavam os rabis em situações de embaraço e espanto.

– De onde pode vir tão grande sabedoria em um miúdo assim tão novo? – ouvimos alguém questionar logo à entrada do pátio dos gentios.

Dali já se podia ver inúmeras pessoas e grande agitação. Mais alguns passos e conseguimos identificar Jesus. Além de alguns mestres e seus alunos, que regularmente se encontram no templo para estudar, reuniram-se ao redor do nosso filho outros sábios e uma multidão de curiosos.

Mais tarde viemos a saber que alguns escribas o tinham colocado no centro do pátio, não por reconhecerem a sua sabedoria mas por inveja, para ver se ao ser confrontado publicamente se confundiria e mostrasse incoerências. Queriam zombar dele, humilhá-lo publicamente. No entanto, Jesus agiu com extrema maestria e assertividade. Respondia a todas as perguntas com tranquilidade e paciência, com explicações profundas e compreensíveis a todos. Jesus se colocava como discípulo que ouvia atentamente, mas também questionava, fazia perguntas, revelando traços de mestre. Essa sua atitude e inteligência impressionava os ouvintes.

Encontrámos Jesus bastante diferente daquele que ouvia serenamente as nossas lições em casa. Mostrava-se agora autónomo, detentor de sabedoria que superava tudo o que um dia poderíamos ter-lhe ensinado em Nazaré. Parecia verdadeiro rabi, fazendo a assembleia se questionar e abrindo novas perspetivas de reflexão sobre temas amplos e profundos. Fazia ver o mundo, o ser humano e Deus de forma nunca imaginada. Discernia não somente sobre a Lei e os profetas, mas sobre diversas artes e ciências. Falava de modo simples de coisas complexas e estranhas a muitos dos presentes, transmitindo autoridade. Suas palavras e seus gestos transpiravam sobrenaturalidade.

A cena na qual encontrámos Jesus orgulharia qualquer pai. Porém, o contexto era diferente. Estávamos exaustos, ansiosos, com medo de que algo terrível pudesse ter acontecido. Maria não se deixou seduzir. Sem hesitar, questionou o menino:

– Filho, porque você fez isso connosco? Seu pai e eu estávamos angustiados, à sua procura.

Jesus levantou os olhos em nossa direção, contemplou Maria com ternura, e fixando seus olhos nos meus, respondeu em seguida:

– Porque me procuravam? Não sabiam que eu devo estar ocupado com as coisas do meu Pai?

Maria não compreendeu a profundidade daquela sentença, mas a mim soou forte e clara. Jesus amadureceu. Nosso menino cresceu não apenas em estatura, mas também em sabedoria e graça. De modo algum vi nas suas palavras um descaso

ou menosprezo por mim. Pelo contrário, ele enfim compreendeu que tem dois pais. Por anos foi fiel e obediente a mim. Agora chegou a hora de ser obediente e fiel ao seu Pai Celeste. Jesus compreendeu que iniciava uma nova etapa em sua vida e para realizá-la devia buscar autonomia e independência.

No instante em que aceitei a exortação de Deus através do seu anjo, soube que em determinado momento eu deveria me silenciar para ceder lugar ao Pai de Jesus e de toda a humanidade. Esse momento chegou! Após ver Jesus entre os doutores, compreendi que a minha missão se havia cumprido. Já posso ir em paz, pois se concluiu o plano que Deus designou para mim. Foram anos maravilhosos, belos. A mim, simples José, filho de Jacob, Deus confiou o seu bem mais precioso, seu tesouro. A mim, pobre carpinteiro de Nazaré, o Senhor confiou a guarda e educação do seu próprio Filho, dando-o como meu filho.

Acompanhar Jesus durante toda a sua infância foi um privilégio. Já me sinto plenamente realizado. Decidi escrever estas linhas apenas para que todos saibam o quanto sou grato por ter sido o pai de Jesus. Escrever para recordar como Deus é bom e como sou feliz por poder corresponder ao seu projeto. Decidi registrar estas memórias porque sei que Jesus será grande, dele se escreverão muitas coisas, mas talvez poucos saberão como foi sua origem e infância.

Como foi belo viver com Jesus e Maria tantas pequenas experiências! Seria uma pena não eternizar cada memória do nascimento do menino, suas primeiras palavras, seus primeiros

passos, suas descobertas e indecisões. Ah, quantas recordações... Preciso narrar a você essa longa história, a minha história, de um ramo seco que Deus transformou em frondoso lírio. A nossa história: minha, de Maria e de Jesus. Uma história de família. História humilde e sofrida. História de dúvidas e revelações. De luzes e incompreensões. De encontros e desencontros. De mistério e graça. De fé e obediência. História de entrega e dedicação. De união, fidelidade e complementaridade. De fragilidade e força. De inquietações e decisões. De fadiga e determinação. De sonhos e peregrinações... Uma história de amor.